

XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche, 2009.

A Revue des Deux Mondes e a formação da nação argentina: projeções e apropriações culturais e políticas.

Pellegrino Soares, Gabriela.

Cita:

Pellegrino Soares, Gabriela (2009). *A Revue des Deux Mondes e a formação da nação argentina: projeções e apropriações culturais e políticas. XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-008/230>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A *Revue des Deux Mondes* e a formação da nação argentina: projeções e apropriações culturais e políticas

Gabriela Pellegrino Soares

Professora do Departamento de História

Universidade de São Paulo (São Paulo, SP)

I. Introdução

Este texto é fruto de minha participação em um projeto de pesquisa coletivo na área de História, intitulado “*Cultura e política nas Américas: circulação de idéias e configuração de identidades (séculos XIX e XX)*”. O projeto envolve professores, pós-graduandos e alunos de duas Universidades brasileiras – a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual Paulista (UNESP). No seio desse projeto mais amplo, venho desenvolvendo, em parceria com Maria Ligia Coelho Prado, o levantamento das relações estabelecidas entre o periódico francês *Revue des Deux Mondes*, “recueil de la politique, de l’administration et des moeurs”, e a América Latina do século XIX. Objeto de notas e artigos publicados desde a fundação da *Revue* em 1829, os países que se formavam na América Latina foram também um espaço de circulação do prestigiado periódico em edições originais ou por meio de contrafações belgas.¹

Em virtude das restrições de tempo para a apresentação deste trabalho, optei por fazer aqui um recorte muito específico e restringir minhas considerações ao problema das apropriações da *Revue* na Argentina oitocentista. Em menor medida, iluminarei as projeções e representações que a revista produziu sobre essa sociedade, tema que aprofundi em outra oportunidade.² Deixarei de lado, assim, o debate sobre

¹ No Brasil, por exemplo, parte considerável das coleções existentes foi impressa em Bruxelas, com o papel e o trabalho gráfico de baixa qualidade que caracterizavam as edições piratas belgas. Cf. CAMARGO, Kátia Aily Franco de. A revista como fonte de pesquisa. In. *Educação: teoria e prática*, Unesp (Rio Claro), v. 13, n. 24, jan.- jun. 2005, n. 25, jul.- dez. 2005, p. 88.

² O tema foi objeto de uma apresentação que fiz no XXXII Congresso Internacional da LASA (Latin American Studies Association), em Montreal, no Canadá, em setembro de 2007, intitulada “Circulação de idéias e identidades latino-americanas: as projeções da *Revue des Deux Mondes* (1874-1914)”.

as leituras produzidas pela revista sobre outras regiões da América Latina, assim como sobre as apropriações que dela se fizeram nos demais Estados Nacionais em formação.

II. Emancipação política, reinscrição imaginária

Em *Cultura e imperialismo*, Edward Said argumentou que nas sociedades colonizadas, “a lenta recuperação, muitas vezes amargamente disputada, do território geográfico, a qual se encontra no cerne da descolonização”, tem como contrapartida o “mapeamento do território cultural”. Depois do período de “resistência primária”, literalmente lutando contra a intromissão externa, vem o período de resistência secundária, isto é, ideológica, “quando se tenta reconstituir uma ‘comunidade estilhaçada, salvar ou restaurar o sentido e a concretude da comunidade contra todas as pressões do sistema colonial’. (...)”.³

Obter reconhecimento implica, enfim, “remapear e então ocupar o lugar nas formas culturais imperiais reservado para a subordinação, ocupá-lo com autoconsciência, lutando por ele no mesmíssimo território antes governado por uma consciência que supunha a subordinação do Outro designado como inferior. *Reinscrição*, portanto.” Mas, nesse processo de reinscrição, as sociedades emancipadas necessariamente se deparam com “formas já estabelecidas” ou pelo menos “permeadas pela cultura do império.”⁴

Essa dinâmica pode ser percebida nas inúmeras interpretações que, no século XIX, os emancipadores e construtores dos Estados nacionais hispano-americanos forjaram a respeito dos contornos culturais e territoriais do universo social a que se reportavam.⁵

As representações da Argentina na Revue de Deux Mondes também foram analisadas por BIOCCA. Haydée J. *Una imagen de la Argentina en el siglo XIX francés: según la “Revue des Deux Mondes”, 1835-1885*. Bahia Blanca, Ediciones de los Cuadernos del Sur, 1963.

³ SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 266.

⁴ *Ibidem*, p. 266-267.

⁵ Mary Louise Pratt, por exemplo, propôs uma sugestiva análise sobre como a visão de Humboldt sobre o Novo Mundo permeou as leituras de Simón Bolívar e Andrés Bello – que chegaram a conhecê-lo – sobre a América, ainda quando se empenhavam, como Bello, na revista *Repertorio Americano* criada em Londres, em 1826, em produzir algo “rigorosamente” americano, propiciando conhecimento e visão para a tarefa de fundar as novas repúblicas. Ver PRATT, Mary Louise. Reinventando a América/ reinventando

Pois o processo de reinscrição envolveu, em verdade, a busca por novas referências européias, e mais tarde também de outras partes, fundamentalmente não espanhóis. Envolveu também a busca por respaldo externo para as escolhas que se faziam.

Os impressos em crescente circulação internacional no século XIX – com o desenvolvimento dos empreendimentos comerciais no campo dos jornais, revistas e livros – constituíram um canal importante para a projeção de novos repertórios de idéias, que se prestavam à análise dos grupos dirigentes hispano-americanos. Apenas em menor escala constituíram um canal para encontrar-se a aprovação de certas fontes de autoridade sobre sucessos dos caminhos abraçados.

A *Revue des Deux Mondes*, um dos mais renomados e vigorosos periódicos europeus a atravessar o século XIX, desde a sua criação em 1829, desempenhou um papel particularmente relevante nesse sentido.

III. A *Revue des Deux Mondes* de François e Charles Buloz

Criada, em meados de 1829, por Prosper Mauroy, a *Revue des Deux Mondes* foi, dois anos mais tarde, vendida a Auguste Auffray, passando a ser dirigida por François Buloz, responsável por imprimir o perfil e a importância que marcariam a publicação durante boa parte do século XIX. Após sua morte, em 1877, Buloz foi sucedido por seu filho Charles Buloz. Tal inflexão inaugurou um processo de perda de vitalidade da empresa, que se traduziu na redução do número de assinantes com que contava na época da transição, estimado em 25 mil, e culminou na demissão de Charles Buloz, em 1893.

Nos anos de maior *frisson*, a revista colocou em prática a finalidade de promover vínculos culturais, políticos e econômicos entre o mundo europeu e o “outro” mundo – extra-europeu. Reunindo colaborações de prestigiosos escritores e pensadores da época, enfocava temas literários e artísticos, questões filosóficas, históricas e científicas, temas de política e economia e muitos relatos de viagens a terras distantes.

a Europa. A automodelação crioula. In. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP, Edusc, 1999; p. 295-335.

No que diz respeito à América Latina, objeto de muitos artigos com as mais variadas perspectivas (dos acontecimentos políticos às informações estratégicas sobre os potenciais naturais), a *Revue* procurava destacar a difusão das idéias liberais e humanistas, assim como de expressões literárias francesas, entre os “espíritos cultivados” das jovens repúblicas. Embora a revista não fosse um órgão de comunicação governamental, acredito que estivesse empenhada em afirmar o lugar da França como modelo civilizacional a ser seguido. Do ponto de vista político, esteve muito enfronhada nas altas esferas do poder, especialmente entre 1830 e 1848, durante o reinado de Louis-Philippe d’Orleans.⁶

Por outro lado, o esforço febril de François Buloz assegurou que os vínculos com o “outro” mundo não ficassem restritos às informações e representações sobre regiões longínquas contidas nos longos artigos. O editor tinha clareza dos cadafalsos econômicos que vitimaram muitos periódicos de qualidade nos oitocentos.

Era, pois, preciso explorar os mercados leitores que a revista englobava em suas projeções simbólicas, por intermédio de uma eficiente rede de distribuição internacional e, sobretudo, de venda de assinaturas. O volume de correspondências trocadas entre Buloz e seus representantes mundo afora expressa a importância que adquiriram os vínculos comerciais, paralelamente aos culturais e políticos, que a *Revue* buscou fomentar.

IV. Charles de Mazade e Domingo F. Sarmiento: intercessões

Em visita aos arquivos da *Revue* hoje reunidos na Abbaye d’Ardenne, na Normandia, pude constatar que são poucos os registros sobre a distribuição e a origem dos assinantes da revista na América Latina do século XIX. Entretanto, há sinais de que figuras proeminentes do mundo intelectual e político dos diferentes Estados Nacionais em formação conheciam, valorizavam e incorporavam referências veiculadas pela *Revue* em seus esforços de reinvenção das sociedades emancipadas.

⁶ A esse respeito, ver BROGLIE, Gabriel de. *Histoire politique de la Revue des Deux Mondes*. Paris, Perrin, 1979. Também, ARRIGON, M. L. (Dir.). *Le livre du centenaire: cent ans de vie française à la Revue des Deux Mondes*. Paris, Hachette, 1959.

Expressão singular do *status* gozado pela *Revue* na região do Prata foi o empenho de Domingo F. Sarmiento para conquistar um honroso comentário sobre seu então recém-publicado *Facundo*: civilização ou barbárie, em um artigo assinado por Charles de Mazade, em 1846, intitulado “De l’Américanisme et des Republicques du Sud”.⁷ Escreveu o autor:

O livro de Sarmiento é uma das obras excepcionais da nova América onde pulula alguma originalidade; trata-se de um estudo vivo, de uma análise profunda e vigorosa de todos os fenômenos da sociedade americana e, particularmente, da sociedade argentina. (...)

O senhor Sarmiento torna claros vícios hereditários, perturbações e paixões dissolventes que teriam o efeito de reconduzir a América à vida selvagem. Por mais triste que seja o presente, o combate hoje levado a cabo além do Atlântico deve ser considerado como uma das provas solenes por meio das quais se forma a virilidade de um povo.⁸

A menção foi pouco mais tarde celebrada na autobiografia que Sarmiento escreveu durante o exílio no Chile, em 1850. Os comentários de Mazade sobre o *Facundo* na “*Revista de Ambos Mundos*”, como a chamou Sarmiento, ficaram pois registrados em *Recuerdos de Provincia*.

Gostaria de ressaltar a posição ocupada por Charles de Mazade na estrutura da *Revue des Deux Mondes*, ao longo dos 47 anos, iniciados em 1845, em que atuou como colaborador. Mazade não tardou em conquistar a confiança de François Buloz, que lhe delegou crescentes responsabilidades, dentre as quais a redação da *Chronique*, prestigiada seção da *Revue*. Ao mesmo tempo, provavelmente em virtude das temporadas que passava em sua casa de campo em Flamarens, nos Pirineus, para desespero de Buloz, Mazade tornou-se fonte de artigos que a *Revue* dedicava à Espanha. Não por acaso, seu foco de interesses se estendeu, vez por outra, às ex-colônias espanholas no Atlântico.

⁷ Cf. TERÁN, Oscar. Para leer el *Facundo*. Buenos Aires, Editorial Capital Intelectual, 2006; p. 42-78.

⁸ Tradução livre do francês, de minha autoria. A partir daí, Mazade recupera diferentes passagens de *Facundo*, como a descrição feita por Sarmiento de diferentes tipos sociais do universo *gaucho* argentino, como o rastreador, o *baqueano* e o cantor.

MAZADE, Charles. De l’Américanisme et des Republicques du Sud. In. *Revue des Deux Mondes*, 2^{ème} période, T. IV, 1846, p. 625.

V. Charles de Mazade e Estéban Echeverría

Em “De l’Américanisme et des Republicues du Sud”, ao fazer notar as afinidades entre os jovens letrados argentinos e os referenciais civilizatórios franceses, Mazade também chamou a atenção para outro autor argentino que considerava paladino do projeto civilizador – Esteban Echeverría (1805-1851), prestigiado representante da *Geração de 1837*, que se antepôs ao governo ditatorial instituído por Juan Manuel Rosas entre os anos 1830 e fevereiro de 1852.

Echeverría, retornando a seu país em 1830, após uma temporada na França, logo alçado a símbolo do jovem romântico conhecedor das novas tendências literárias e das idéias socialistas utópicas, belo e sofisticado, tornou-se uma das figuras centrais na oposição à ditadura rosista, em Buenos Aires e, pouco depois, no exílio no Uruguai, onde, sempre fragilizado por sua saúde, morreria pouco antes da queda de Rosas.

O ponto de partida dessa mobilização foi o Salão Literário fundado em 1837 com vistas a debater as novidades trazidas da França. Por outro lado, no entanto, seus participantes anunciavam o compromisso de refletir sobre essas referências à luz da realidade argentina, buscando conciliar os elementos em confronto e estabelecer as bases para a identidade nacional.

Do Salão Literário nasceria, em 1838, a Associação Secreta Jovem Argentina (inspirada na Jovem Europa de Mazzini), cujos principais integrantes, *Estéban Echeverría*, Juan María Gutiérrez e Juan Bautista Alberdi publicaram, em 1º de janeiro de 1839, em Montevideu, o manifesto *Creencia*, em 1846 reeditado, sob autoria de Echeverría, com o título *Dogma Socialista de la Asociación de Mayo*, “*precedido de una Ojeada Retrospectiva sobre el Movimiento Intelectual en el Plata desde el año 37*”.⁹

⁹ Entre outros trabalhos, ver PRADO, Maria Lígia Coelho. “Mora e Echeverría: duas visões da questão da soberania popular”. In. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: Edusp, Bauru: Edusc, 1999; também, ALTAMIRANO, Carlos e SARLO, Beatriz. *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

O documento definia os horizontes da comunidade política argentina. Para Sarlo e Altamirano, organizadores do volume da Biblioteca Ayacucho dedicado ao escritor, “um dos seus atributos foi o de codificar temas que estavam no ar intelectual desses anos. A crítica tem indicado o quanto esse texto deve à leitura de certos livros, de certos autores, de certas revistas.”¹⁰

Muitos dos autores caros a Echeverría – como Guizot e Lammenais, para destacar apenas dois – eram colaboradores assíduos da *Revue des Deux Mondes*, conhecida, segundo Sarlo e Altamirano, “no âmbito da cultura letrada rioplatense”, formando parte do *milieu* intelectual dos jovens universitários desde a década de 1830.¹¹

A *Revue*, dentre outras leituras importantes de seu repertório, ofereceu-lhe conceitos, maneiras de pensar e informações estratégicas para ler e projetar a realidade argentina à luz do mundo.

VI. Estéban Echeverría, Philarète Chasles e Alcalá Galiano

Um exemplo dos lugares ocupados por leituras dessa natureza encontra-se na conclusão da *Ojeada Retrospectiva*.

Ao concluir-se a impressão deste escrito, lemos nos números 234, 35 e 36 de *El Comercio del Plata* um artigo intitulado ‘*Considerações sobre a situação e o futuro da literatura hispano-americana*’, no qual o senhor Alcalá Galiano, literato espanhol, assegura que a literatura americana ‘*se halla todavía en mantillas*’; e explicando esse fenômeno com considerações que só revelam ‘uma suma ignorância do verdadeiro estado social da América, o senhor Galiano atribui o problema ao fato de os americanos terem ‘renegado seus antecedentes e esquecido sua nacionalidade de raça’, aconselhando-os a ‘voltar à tradição colonial’ (...).

Como, a despeito da vantajosa posição da Espanha, considerando-se suas belas tradições literárias e literatos de profissão que contam com meios abundantes de produção, e com um vasto teatro para a manifestação do pensamento – vantagens de que carecem

¹⁰ ECHEVERRÍA, Estéban. *Obras Escogidas. Selección, prólogo, notas y bibliografía* Beatriz Sarlo y Carlos Altamirano. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1991, p. XXX.

¹¹ *Ibidem*, p. XXXIX.

os escritores americanos -; como, apesar de tudo isso, nós não reconhecemos maior superioridade literária, no que se refere à originalidade, da jovem Espanha sobre a América, o senhor Galiano permitirá que lhe digamos que não nos achamos dispostos a adotar seu conselho, nem a imitar imitações, nem a buscar na Espanha nem em nada de espanhol o princípio engendrador de nossa literatura, que a Espanha não tem, e nem nos pode dar (...).¹²

Nesse ponto, discutindo a tendência à imitação que marca a própria literatura espanhola, Echeverría faz referência a um escritor francês do século XIX, e remete o leitor, em nota de rodapé, a um artigo de “Filarete Chasles” publicado pela “*Revista de Ambos Mundos*”, que versa sobre a literatura norte-americana.

Philarète Chasles, com efeito, foi por anos, até o seu rompimento com François Buloz, um assíduo colaborador da *Revue des Deux Mondes*, além de correspondente da revista na Inglaterra. “De la littérature dans l’Amérique du Nord”, artigo de sua autoria estampado na *Revue* em julho de 1835, é considerado um marco, por lançar luz sobre referências pioneiras acerca da literatura norte-americana.¹³ Outro artigo seu na *Revue*, de 1844, intitulado “Tendances littéraires en Angleterre et en Amérique”, chamaria pela primeira vez a atenção do público leitor de língua francesa para um autor que logo alcançaria grande repercussão – Ralph Waldo Emerson.

Embora a nota de Echeverría¹⁴ recomendasse a leitura de um artigo não especificado de Philarète Chasles sobre a literatura norte-americana – há outros sobre o assunto no intervalo entre os dois que destaquei e até o momento da redação da *Ojeada* – a menção a esse escritor no corpo do texto se refere a um outro artigo não citado de Philarète Chasles, do ano de 1841, tomo 28, sobre os “Auteurs espagnols contemporains”.¹⁵

¹² *Ibidem*, p. 205.

¹³ A esse respeito, ver PICHOS, Claude. *Philarète Chasles et la vie littéraire au temps du Romantisme*. Paris, Jose Corti, 1965.

¹⁴ Nesse caso a nota é de autoria do próprio autor, e não de Juan María Gutierrez, organizador das Obras Completas de Echeverría. O esclarecimento é necessário, pois as muitas notas preparadas por Juan María Gutierrez também foram incorporadas à edição da Biblioteca Ayacucho com que trabalhei.

¹⁵ O tema da literatura norte-americana volta a aparecer mais adiante na *Ojeada Retrospectiva*, já que Echeverría rebate a interpretação “inadequada” que Alcalá Galiano apresenta dos argumentos do mesmo Philarète Chasles:

“O senhor Galiano, que diz pertencer à escola filosófica cujas doutrinas propaga, não deve ignorar que nas *épocas de transição*, como aquelas em que estão a Espanha e a América, raras vezes aparecem gênios criadores na literatura; porque o

Trata-se de um artigo demolidor de Chasles acerca da literatura espanhola, que a seu ver, após um curto período de genialidade, que remonta ao *Siglo de Oro*, teria perdido sua fecundidade, energia e nacionalidade em favor da simples imitação de modelos literários estrangeiros.

Encorajado por seus argumentos, Echeverría prossegue sua crítica a Galiano afirmando que se este estivesse bem informado sobre as coisas americanas, “não ignoraria que o movimento de emancipação do clacissismo e a propaganda das doutrinas sociais do progresso tiveram início na América antes do que na Espanha”; e que, no Prata, “esse movimento esteve quase paralisado desde o ano de 37 por circunstâncias especiais e por uma guerra desastrosa, em que estão precisamente confrontadas as tradições coloniais e as idéias progressivas”.¹⁶

Teria visto, além disso, que uma fase desse movimento implica “o completo divórcio de tudo que é colonial ou, o que é a mesma coisa, de tudo que é espanhol” e, em contrapartida, a “fundação de *creencia*” sobre o princípio democrático da revolução americana: “trabalho lento, difícil, necessário”, conclui enfim, para que se possa constituir “cada uma das nacionalidades americanas”, trabalho preparatório

gênio, que não é planta parasita nem exótica, só pode beber a vida e a inspiração na fonte primitiva das crenças nacionais.

Com a chave, pois, das doutrinas de sua escola e o conhecimento do estado social da América, o senhor Galiano teria explicado o atraso de sua literatura mais facilmente do fazendo uma aplicação inadequada das visões de Chasles sobre a literatura norte-americana a uma sociedade que nada tem de análogo com aquela.

O senhor Galiano há de ter bem claro o que era a Espanha inquisitorial e despótica; pois bem: calcule o que seria a América colonial, filha espúria da Espanha e deduza daí se pode haver ponto de analogia entre a sociabilidade hispânica e anglo-americana.

O senhor Galiano sob a fé, sem dúvida, de Mister Chasles, estabelece que a literatura norte-americana ‘vegeta em decente mediocridade’; mas se tal aceção é permitida a um escritor francês relativamente à literatura de seu país, não nos parece admissível em um literato espanhol; porque, que nomes espanhóis modernos o senhor Galiano oporá aos de Franklin, Jefferson, Cooper, Washington, Irving, celebridades com sanção universal na Europa e na América?

É verdade que alguns ramos da literatura não prosperaram nos Estados Unidos; mas isso é porque lá se prefere realizar o pensamento e levar a melhora do bem-estar individual e social à atividade das faculdades que, na Espanha e em outros países, se desperdiçam em estéreis especulações literárias; e essa tendência eminentemente democrática, e profundamente civilizadora da sociedade norte-americana, que em pouco tempo desenvolveu suas forças de modo tão colossal, se manifesta, ainda que em pequena medida, na América do Sul, pela natureza democrática de seus povos; e é outra das causas que o senhor Galiano poderia ter em vista para explicar a insignificância de sua literatura.” ECHEVERRÍA, E., op. cit., p. 208.

¹⁶ *Ibidem*, p. 206.

“indispensável para que surja uma literatura nacional americana, que não seja o reflexo da espanhola, nem da francesa, como a espanhola”.¹⁷

No diálogo com Philarète Chasles, Echeverría encontrava argumentos para se contrapor à Espanha, respaldado por perspectivas universalistas que comparavam, mapeavam influências e qualificavam diferentes literaturas nacionais. No que diz respeito ao artigo “Auteurs Espagnols Contemporains”, os contrapontos eram estabelecidos, sobretudo, com a literatura norte-americana.

Mas, para Echeverría, o diálogo com os repertórios universalistas deveria abrir caminho à constituição da nacionalidade, à fundação de uma *creencia*.¹⁸ Aí se guardam as chaves para o alvorecer de uma literatura nacional original.

O mesmo ocorre no universo da política, como sublinham outras passagens da *Ojeada Retrospectiva*. Se Guizot ou Pierre Leroux assumissem a condução da Argentina, pouco contribuiriam para iluminar os fenômenos sociais de cuja compreensão depende o sucesso das ações governamentais, especula Echeverría.

“Nosso mundo de observação e de aplicação está aqui, o apalpamos, o sentimos palpitar, podemos observá-lo, estudar seu organismo e suas condições de vida; e a Europa pouco pode nos ajudar com isso”.¹⁹ A nação não poderia nascer de idéias abstratas, mas de uma realidade argentina em que – como bem expressaram os textos literários de Echeverría, como *La cautiva* e *El Matadero* –, transbordavam os signos da barbárie. Os movimentos intelectuais do autor revelam a tensão entre a disposição para incorporá-la ou para destruí-la.

VII. Conclusão: emancipação versus projeções imperiais

Em 1884, quando os liberais há muito já haviam tomado as rédeas do país, um artigo da *Revue* assinado por Émile Daireux, “La colonie française de Buenos Ayres”, constatava com orgulho, a associação que se produzira entre a vitória do

¹⁷ *Ibidem*

¹⁸ Em nota na conclusão da *Ojeada Retrospectiva*, Echeverría esclarece:

“Entendemos por *creencias*, não como muitos a religião unicamente, mas certo número de verdades religiosas, morais, filosóficas, políticas, enlaçadas entre si como elos primitivos de um sistema e que tenham para a consciência individual ou social a evidência incontestável do axioma ou do dogma.”

¹⁹ *Ibidem*, p. 195.

projeto civilizador sobre a “barbárie” argentina e a identificação desse projeto com o modelo francês.²⁰ As revistas, argumentava Daireaux, haviam dado sua contribuição para esse desfecho.

A França pacificada (...) reconquista brilhantemente sua grande influência, se apodera dos espíritos por meio de sua tribuna, por sua imprensa novamente organizada, por seus jornais e suas revistas, por todas as produções do espírito. (...)

As instituições políticas da França, a marcha de suas idéias, a autoridade assumida pela doutrina republicana, é o que têm em alta conta os espíritos cultivados da República Argentina (...)

A Direção do Colégio Nacional – a instrução dos que estão destinados a presidir e a participar da maravilhosa transformação deste país – foi atribuída desde a primeira hora a Amédée Jacques. (...)

A Universidade de Buenos Aires, as Faculdades de Direito e de Medicina, a Escola Militar se constituem pouco a pouco sobre a base das Faculdades e Escolas da França; são os livros didáticos franceses que estão em todas as mãos em seu texto original (...)

As livrarias ostentam em suas vitrines os livros franceses. Os jornais franceses chegam a elas em grandes pacotes. Certas revistas contam com um número considerável de leitores. (...) ²¹

À luz dos argumentos comemorados por Daireaux, encerro esta reflexão reiterando minha hipótese de que a *Revue des Deux Mondes* foi suporte para um amplo esforço de projeção imperial francesa, que encontrou espaço aberto, embora sujeito a filtros, em uma Argentina empenhada em remapear o território, a sociedade e o imaginário legados pelo colonizador. Os artigos aqui mencionados, dentre muitos outros que a *Revue* fez circular sobre o país, serviram de bússola para uma releitura da Espanha e para a definição de novas *creencias*. Serviram de bússola, também, para respaldar os diagnósticos da realidade local afinados com os referenciais ilustrados, liberais, românticos e, a despeito do afã emancipatório, imperiais.

²⁰ DAIREAUX, Émile. La colonie française de Buenos Ayres. In. *Revue des Deux Mondes*, 3^{ème} période, t. 65, sept.-oct. 1884, p. 879-907.

²¹ Excertos do artigo DAIREAUX, Émile. La colonie française de Buenos Ayres. In. *Revue des Deux Mondes*, 3^{ème} période, t. 65, sept.-oct. 1884, p. 879-907.

Bibliografía

- ALTAMIRANO, Carlos e SARLO, Beatriz. *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Ariel, 1997.
- ARRIGON, M. L. (Dir.). *Le livre du centenaire: cent ans de vie française à la Revue des Deux Mondes*. Paris, Hachette, 1959.
- BIOCCA, Haydée J. *Una imagen de la Argentina en el siglo XIX francés: según la "Revue des Deux Mondes", 1835-1885*. Bahía Blanca, Ediciones de los Cuadernos del Sur, 1963.
- BROGLIE, Gabriel de. *Histoire politique de la Revue des Deux Mondes*. Paris, Perrin, 1979.
- BOTREL, Jean François. *Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX*. Biblioteca del libro. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirámide, D. L., 1993.
- CAMARGO, Kátia Aily Franco de. A revista como fonte de pesquisa. In. *Educação: teoria e prática*, Unesp (Rio Claro), v. 13, n. 24, jan.- jun. 2005, n. 25, jul.- dez. 2005, p. 79-96.
- _____. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Tese (Doutorado), FFLCH-USP. São Paulo, 2005.
- CHARTIER, Roger e MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de l'édition française*. Le temps des éditeurs, du romantisme à la belle époque. Paris: Promodis, 1985.
- ECHEVERRÍA, Estéban. *Obras escogidas*. Selección, prólogo, notas y bibliografía Beatriz Sarlo y Carlos Altamirano. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1991.
- FURMAN, Nelly. *La Revue des Deux Mondes et le Romantisme (1831-1848)*. Paris, Librairie Droz, 1975.
- HALPERIN DONGHI, Tulio. *Proyecto y construcción de una nación (1846-1880)*. Buenos Aires: Planeta, Ariel, 1999.
- JOSEPH, G., LEGRAND, C., SALVATORE, R. (Orgs.). *Close encounters of Empire*. Durham, Duke University Press, 1998.
- O'GORMAN, Edmundo. *La invención de la América: el universalismo de la cultura de Occidente*. México, Fondo de Cultura Económica, 1958.

- PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. História Social – USP, Mestrado, 2005.
- PICHOIS, Claude. *Philarète Chasles et la vie littéraire au temps du Romantisme*. Paris, Jose Corti, 1965.
- PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: Edusp, Bauru: Edusc, 1999;
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP, Edusc, 1999.
- RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ROLLAND, Denis. *A crise do modelo francês. A França e a América Latina. Cultura, política e identidade*. Brasília: Editora da UnB, 2005.
- SAGASTIZÁBAL, Leandro de. *La edición de libros en la Argentina: una empresa de cultura*. Buenos Aires: EUDEBA, 1995.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARMIENTO, Domingo F.. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- SCHWARTZ, Jorge e PATIÑO, Roxana (Orgs.). “Introducción”, in *Revista Iberoamericana*. Pittsburg: Universidade de Pittsburg, v. LXX, julio-diciembre 2004.
- SHUMWAY, Nicolás. *La invención de la Argentina: historia de una idea*. 2ª. ed. Buenos Aires: Emecé, 1993.
- SVAMPA, Maristella. *El dilema argentino: civilización o barbarie*. Buenos Aires, El Cielo por Asalto, 1998.
- TERÁN, Oscar. *Para leer el Facundo*. Buenos Aires, Editorial Capital Intelectual, 2006.
- VÁZQUEZ-RIAL, Horacio (dir.). *Buenos Aires: 1880-1930. La capital de un imperio imaginario*. Madri: Alianza Editorial, 1996.